

DESINFESTAÇÃO DE EXPLANTES DE MIRTILO, CVS. MISTY E O'NEAL

Raquel Rosa Costa¹; Fernanda Beatriz Thiel²; Leticia Vanni Ferreira³; Daiane Peixoto Vargas⁴; Leonardo Ferreira Dutra⁵; Luis Eduardo Corrêa Antunes⁵.

¹Química Ambiental, Doutoranda em Agronomia/Fruticultura de Clima Temperado - Universidade Federal de Pelotas, Caixa Postal 354. CEP 96010-900. Pelotas, RS, Brasil. raqrcosta@gmail.com

²Bióloga, Mestranda em Agronomia/Fruticultura de Clima Temperado - Universidade Federal de Pelotas, Caixa Postal 354. CEP 96010-900. Pelotas, RS, Brasil. fernandabthiel@hotmail.com

³Eng^a Agr^a, Doutoranda em Agronomia/Fruticultura de Clima Temperado - Universidade Federal de Pelotas, Caixa Postal 354. CEP 96010-900. Pelotas, RS, Brasil. letivf@hotmail.com

⁴Bióloga, Dr. Pós-Graduanda PNPd, Embrapa Clima Temperado, Rodovia BR 392, Km 78 Caixa Postal 403, CEP 96001-971, Pelotas, RS, Brasil. dvbio@hotmail.com

⁵Engo. Agr^o, Dr., Pesquisador A. Embrapa Clima Temperado, Rodovia BR 392, Km 78 Caixa Postal 403, CEP 96001-971, Pelotas, RS, Brasil. leonardo.dutra@cpact.embrapa.br; luis.eduardo@cpact.embrapa.br

O mirtilo pertencente à família das Ericáceas e ao gênero *Vaccinium*, encontra-se em lugar de destaque dentre as frutíferas de clima temperado na Europa e Estados Unidos enquanto que, no Brasil os trabalhos com propagação vegetativa ainda são incipientes. Para que, os trabalhos sejam desenvolvidos mais rapidamente, a cultura de tecidos através da micropropagação pode viabilizar a obtenção de mudas sadias e em curto espaço de tempo. O estabelecimento *in vitro* é uma etapa crucial da micropropagação, pois, os explantes são desinfestados, ficando livres de contaminantes até a adaptação em casa de vegetação. O presente trabalho objetivou avaliar a eficiência de diferentes produtos no processo de assepsia das cultivares de mirtilo Misty e O'Neal. Segmentos nodais, com uma gema e comprimento aproximado de 1 cm, utilizados como explantes, foram obtidos de brotações de mudas de mirtilo mantidas em casa de vegetação com aproximadamente três anos. Os segmentos nodais foram desinfestados inicialmente durante 10 segundos por imersão em álcool 70% e durante 15 minutos nas soluções desinfestantes Cloreto de Benzalcônio 1%, Dióxido de Cloro 1% e Hipoclorito de Sódio 2,0%, adicionadas de três gotas de Tween 20. Após desinfestados, os explantes foram lavados em triplicata com água destilada e autoclavada e inoculados em meio de cultura WPM contendo macro, micronutrientes e solução F do meio MS, suplementado com 100mg.L⁻¹ de mioinositol, 30g.L⁻¹ de sacarose, 24,6µM de zip, 2,68µM de ANA e 7g.L⁻¹ de agar e, pH 4,8. Os explantes foram mantidos em sala de crescimento sob temperatura de 25 ± 2° C, no escuro e, onde permaneceram por sete dias. De acordo com os resultados obtidos, as cultivares possuem resposta específica para cada produto utilizado na desinfestação, sendo que a percentagem de contaminação e oxidação foi alta em todos os tratamentos. A cultivar O'Neal demonstrou uma percentagem de 77% de contaminação quando utilizado Dióxido de Cloro a 1%, enquanto que nos tratamentos com Cloreto de Benzalcônio 1% e Hipoclorito de Sódio 2% houve 20% e 10% de contaminação, respectivamente. Já, para cultivar Misty os resultados foram inferiores, observando-se 100% de contaminação no tratamento com Dióxido de Cloro 1%, 90% com Cloreto de Benzalcônio e 86,6% com Hipoclorito de Sódio 2%. O percentual de oxidação dos explantes de Misty e O'Neal foi de 100% e 95%, respectivamente. Desta forma, a assepsia dos explantes *in vitro* com os produtos utilizados neste estudo, não são eficientes para desinfestar as cultivares Misty e O'Neal.

Agradecimentos: Os autores agradecem à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e à Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) pela concessão de bolsa de estudos e apoio financeiro.